

Estudo comparativo das acções ofensivas desenvolvidas em situação de jogo formal e de jogo reduzido numa equipa de basquetebol de iniciados

Fernando Tavares*
Antônio Veleirinho**

Resumo

O presente trabalho tem como objectivo situar, no contexto do processo de transformações das concepções e abordagens metodológicas do ensino e formação nos jogos desportivos colectivos (JDC), o papel assumido pelo Jogo Reduzido (JR), no processo de aprendizagem do jogo de basquetebol. Descrevemos e comparamos a frequência e a qualidade das intervenções dos jogadores em situação de finalização/ a partir de acções tácticas individuais e de grupo nas situações de: (1) Jogo Formal (JF) (5x5); e (2) Jogo Reduzido (JR) (3x3 em meio-campo).

A amostra foi constituída por uma equipa do escalão infantil feminino (n= 12), com a média de 11,5 anos de idade, que se iniciavam na modalidade pela primeira vez e realizavam 2 treinos por semana.

De acordo com os resultados obtidos, podemos concluir que o Jogo Reduzido (3x3) possibilita uma maior participação do jogador, uma menor probabilidade para a ocorrência de atitudes passivas, uma elevada frequência de contactos com a bola e um maior sucesso na finalização das acções ofensivas. Assim, podemos considerar que no processo de ensino do basquetebol é defensável a constituição de unidades temáticas do ensino do jogo que tenham por referência o jogo reduzido.

Abstract

Acknowledging the conceptual and methodological changes in the teaching of team sports, the aim of the present study was to examine the impact of the partial game form over the opportunities to actively participate in the game play.

We described and compared the frequency and quality of the strategical responses performed by players within offensive game play situations. We have considered both individual and group offensive actions in both game forms: 5x5 full court game form and 3x3 half court game form.

The sample was composed by a young female basket team (n= 12) with an average of 11.5 years old. All players were in their first season, and they practised twice a week. The results showed that the 3x3 half court game form provided the players with more chances to participate, fewer chances for passive attitude, a greater frequency of ball contact and an increased success in scoring after offensive actions. Evidence seems to support the suitability of taking reduced game form as a reference to design basketball programs in school settings.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das diferentes modalidades

desportivas tem sido influenciado por diferentes correntes de pensamento e pelos conhecimentos provenientes de múltiplas disciplinas científicas. Esses conhecimentos tiveram um influência importante nos jogos desportivos colectivos (JDC), através da transposição directa de meios e métodos, sem ter em consideração a especificidade estrutural e funcional deste grupo de desportos (Garganta, 1994). Uma das conseqüências mais evidentes tem sido a utilização obsessiva do ensino-aprendizagem centrados na técnica individual, partindo-se do pressuposto que a soma de todos os desempenhos individuais provoca um apuro qualitativo da equipa e também que o gesto técnico aprendido numa forma analítica possibilita uma aplicação eficaz nas situações de jogo. É neste contexto, que a discussão em torno do tipo de abordagem ao ensino do jogo nos JDC, continua a ser premente e, aparentemente, sem resolução efectiva.

Ainda hoje e apesar das inovações verificadas ao nível da abordagem do jogo, verificamos (1) um processo de ensino dos JDC ainda caracterizado pela fragmentação do jogo nos seus elementos técnicos, no qual a abordagem é centrada quase exclusivamente na técnica. Só depois de exercitados e aperfeiçoados, surgem de modo adequado no Jogo Formal (JF); (2) em oposição a esta forma de abordagem, aparece uma concepção em que é salientada a idéia da unidade inerente ao jogo, que impede qualquer tipo de fragmentação e que reivindica a importância que assume o jogo em si.

É neste contexto de constante confronto entre estes tipos de abordagem, que equacionamos a utilização das formas de Jogo Reduzido (JR) no ensino do jogo dos JDC. A justificação deve-se ao facto de a utilização do JR não eliminar os aspectos essenciais da unidade do jogo, i.e., a cooperação, a oposição e a finalização. A este propósito, Musch & Mertens (1991) acrescentam que, para a unidade do jogo não ser desvirtuada, cada JR deverá satisfazer aos seguintes critérios: 1) o objectivo do jogo deve sempre estar presente; 2) todos os elementos estruturais do jogo devem estar conservados; 3) as acções de ataque e defesa são sempre mantidas; 4) uma transição natural do ataque à defesa e vice-versa deverá ser possível; 5) as tarefas dos jogadores não devem ser totalmente determinadas. A situação deve permitir a escolha de diferentes soluções possíveis.

Corroborando a utilização dos JR no ensino do jogo de basquetebol, Tavares (1994) refere que o jovem praticante é descrito como processando a informação de for-

ma menos eficaz que o adulto, gastando mais tempo, tratando menos informações de cada vez e processando-as geralmente em série, sendo as respostas motoras muitas das vezes inadequadas. Por sua vez, o jogador experiente centra a sua atenção nas informações pertinentes, o que lhe permite dar respostas motoras mais apropriadas. Nesta perspectiva, a capacidade de captar a informação e de distinguir o essencial do acessório são bases importantes quando se pretende incrementar o processo de aprendizagem táctico-técnico com o ritmo necessário e a qualidade pretendida (Tavares e Faria, 1993).

Reforçando os pressupostos anteriores, no sentido de favorecer uma melhor assimilação e desenvolvimento dos elementos táctico-técnicos individuais e colectivos, vários autores (Graça, 1994; Garganta, 1994; Tavares, 1994; Gréhaigne & Guillon, 1992), consideram fundamental não só a decomposição do jogo, respeitando as suas unidades funcionais, como também uma evolução na apresentação das situações de aprendizagem com complexidade crescente.

Interessa assim saber, e independentemente das concepções que se tenha sobre o ensino do jogo, qual poderá ser o contributo do JR no processo de ensino e aprendizagem do jogo de basquetebol.

OBJECTIVO

O objectivo deste estudo, é descrever e comparar a frequência e a qualidade das intervenções nas situações de finalização, a partir das acções tácticas individuais e de grupo, em dois momentos distintos: (1) no JOGO FORMAL (JF) (5x5); e (2) no JOGO REDUZIDO (JR) (3x3 em meio campo).

HIPÓTESE BÁSICA

As situações ofensivas observadas no JR ocorrem com mais frequência, com melhor taxa de aproveitamento, com melhor percentagem de acerto nas finalizações e melhor coeficiente de eficácia ofensiva, do que nas situações ofensivas do JF.

Foram determinados os seguintes parâmetros para efectuar as comparações de nossa análise:

1. Percentagem de acerto nas finalizações (% ac): nú-

mero de finalizações convertidas, em função do número de finalizações efectuadas;

2. Coeficiente de eficácia ofensiva (c.e.o.): finalizações convertidas, em função do número de situações ofensivas.

MATERIAL E MÉTODOS

Amostra

A amostra foi constituída por 12 jogadoras principiantes (1º ano de prática) de basquetebol feminino, com idade compreendida entre os 10 e 12 anos ($x = 11,5 \pm 0,15$).

Condições de realização do estudo

As observações que serviram de suporte ao presente estudo foram efectuadas obedecendo a um método de recolha que atendeu às seguintes preocupações:

1. Análise prévia de uma situação de JF, de modo a detectar alguma discrepância no equilíbrio entre o nível apresentado entre as "equipas" compostas dentro do grupo seleccionado.
2. Observação de um número mínimo de sessões que possibilitasse a caracterização do grupo/jogadoras em situação de JF e JR.
3. Similaridade entre as situações de JF e JR, no que diz respeito propriamente ao tempo de realização, como também ao tempo de participação de cada jogadora.

Protocolo de observação

Inicialmente descrevemos o JF na totalidade, a partir da observação exaustiva do registo em vídeo, tendo em vista uma melhor fundamentação na comparação com o JR, através da análise estrutural e identificação dos seus factores e variáveis decisivos. De seguida, classificamos as situações ofensivas, a partir da elaboração de fichas específicas para o registo das observações (JF e JR), que consideravam as seguintes categorias de observação.

Categorias de observação no situação de Jogo Formal (JF) e Jogo Reduzido (JR)

- > Posse de Bola sem transição de campo (PB s/T)
- > Contra-Ataque* (CA)
- > Ataque Posição (AP)
- > Roubo ou Intercepção de bola no Ataque (IBA)
- > Ressalto Ofensivo (RO)
- > Ressalto Defensivo (RD)
- > Bola ao Ar (BA)
- > Reposição bola linha lateral (RBL)
- > Reposição bola linha final (RBF)
- > Perda bola definitiva (PB D)
- > Perda bola momentânea (PBM)
- > Finalização em:
 - igualdade numérica: (1x1), outras acções ind. (...ind), (2x2), outras acções de grupo (...gru);
 - superioridade numérica*: (2x1), (3x2), (3x1);
 - sem oposição*: (1x0), (2x0).

Nota: *categorias não consideradas na situação de JR.

Recolha das imagens

Para o registo das observações, utilizamos uma câmara de vídeo Sony Hi8 PRO - CCD-V6000E, posicionada num plano superior e com abertura ajustada de modo a permitir o enquadramento de todas as jogadoras em campo durante o jogo.

Procedimentos estatísticos

Foram utilizados os procedimentos da estatística descritiva para a apresentação das frequências e percentagens. Para testar as hipóteses formuladas, foi utilizado o teste de χ^2 (qui-quadrado) da estatística não paramétrica, adoptando-se $p=0,05$.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Frequência da Finalização no Jogo Formal e no Jogo Reduzido

A posse da bola é um dos primeiros factores que

regula as acções dos jogadores no jogo de Basquetebol. O início da acção ofensiva pode ter origem em diversos locais do campo, através de diversos tipos de intervenção e terminar mediante diferentes tipos de acções efectuadas no sentido de obtenção do cesto. Contudo, essas situações nem sempre resultam na concretização ou mesmo na possibilidade de uma finalização. É neste contexto, que analisaremos de seguida a ocorrência e consequência das situações ofensivas verificadas no Jogo Formal (JF) e no Jogo Reduzido (JR).

Da análise do Quadro 1, podemos verificar que se registaram 427 situações ofensivas no JF, sendo 232 relativas ao Contra-Ataque (CA) e 195 relativas ao Ataque de Posição (AP). Do total destas posses de bola, 44,1% tiveram como consequência a perda de bola definitiva; 35,8% resultaram em finalização não convertida e somente 10,2% resultou em finalização convertida. Considerando a totalidade das situações ofensivas ocorridas no JF, verificamos que a taxa de aproveitamento é de 46%, o que significa que quase metade das situações ofensivas são concluídas com finalização, sendo 22,1% convertidas.

Por outro lado, o CA em comparação com o AP, mesmo apresentando uma menor taxa de aproveitamento das situações ofensivas (39,6% vs. 53,6%), apresenta uma percentagem de acerto das finalizações com valores mais elevados, sendo as diferenças encontradas estatisticamente significativas (30,4% vs. 14,8%; $p=0,05$) e melhor coeficiente de eficácia ofensiva (0,12 vs. 0,08). Verificamos também que o CA, é responsável por quase o dobro das finalizações convertidas em relação ao AP (28 vs. 15).

Da análise do Jogo Reduzido (JR), verificamos que, num tempo de actividade aproximadamente igual, se registaram 697 situações ofensivas, das quais 260 (37,3%) resultaram em perda de bola definitiva; 237 (34,0%) resultaram em finalização não convertida e 99 (14,2%) resultaram em finalizações convertidas.

Quando comparamos os resultados obtidos no JR aos do JF, verificamos que o JR tem uma taxa de aproveitamento nas situações ofensivas ligeiramente superior (48,2% vs. 46,0%), obtendo também uma melhor percentagem de acerto nas finalizações (29,5% vs. 22,1%) e coeficiente de eficácia ofensiva (0,14 vs. 0,10). Apesar dos valores observados não atingirem diferenças estatisticamente significativas, numa análise mais aprofundada, verificamos que todas as jogadoras passam a finalizar com êxito no JR, facto que não ocorria para quatro jogadoras das doze que compunham o grupo em relação ao JF.

Da origem às consequências das situações ofensivas

Em relação ao contra-ataque do jogo formal

Na análise das situações de CA relativas ao JF, verificamos no Quadro 2 que é a situação Intercepção bola na defesa (IBD) seguida do ressalto defensivo (RD), que originam um maior número de finalizações (nfe = 24 e 23). Contudo, é a situação Intercepção bola no ataque (IBA) que tem uma melhor percentagem de acerto (50%).

Quadro 1. Freqüência das ocorrências e resultado das situações ofensivas registradas no contra-ataque (CA) e ataque de posição (AP) do jogo formal (JF) e no jogo reduzido (JR).

Sit. de jogo	Jogo formal				Jogo reduzido			
	CA		AP		Total		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Finalização convertida	28	6,5	15	3,6	43	10,2	99	14,2
Finalização não convertida	64	14,9	89	20,9	153	35,8	237	34,0
Perda de bola definitiva	125	29,2	64	14,9	189	44,1	260	37,3
Perda de bola momentânea	15	3,5	27	6,3	42	9,8	101	14,5
Total de sit ofensivas	232	54,2	195	45,8	427	100	697	100
Taxa de aproveitamento	39,6%		53,6%		46%		48%	
Porcentagem de acerto	30,4%		14,8%		22,1%		29,5%	
Coef. de efic. ofensiva	0,12		0,08		0,10		0,14	

Quadro 2. Número de finalizações efectuadas (nfe), número de finalizações convertidas (nfc), perda de bola definitiva (pbd) e percentagem de acerto (%ac) em relação à origem e consequência no contra-ataque (CA) no jogo formal (JF).

Contra-ataque	Jogo formal			
	nfe	nfc	pbd	%ac
Intercepção bola no ataque (IBA)	12	6	1	50
Ressalto defensivo (RD)	23	6	12	26,1
Intercepção bola defesa (IBD)	24	10	8	41,7
Reposição bola l. lateral (RPL)	8	2	7	25
Reposição bola l. final (RPF)	10	1	12	10
Bola ao ar (BA)	8	1	5	12,5
Total	85	26	45	32,6

Em relação ao ataque de posição no jogo formal e no jogo reduzido

Na análise da origem das situações de jogo que têm como consequência as finalizações (Quadro 3), verificamos o elevado valor no JR em comparação com o JF (301 vs. 85). De realçar que a variável Intercepção de Bola (IB), foi a que ocorreu mais vezes no JR (77 vs. 14) e a que atingiu uma maior percentagem de acerto (40,3%). Ou seja, o JR (3x3) pelo facto de se jogar numa só tabela e muito próximo do cesto, provoca na equipa defensiva uma atitude talvez mais concentrada e agressiva o que permitirá atingir um maior número de inter-cepções. A esta circunstância, devemos associar o facto de estarmos na presença de jovens principantes de bas-

quetebol, o que significa ainda ausência de esclarecimento táctico-técnico.

De realçar também o número de finalizações resultantes do ressalto ofensivo (RO) no JR=60 e JF=29. Na verdade, o RO é uma das técnicas do jogo mais importantes e simultaneamente que mais dificuldade coloca ao seu ensino e aprendizagem. Contudo, a realização de jogos reduzidos coloca os jogadores mais próximos do cesto e simultaneamente em condições de disputar o RO sem preocupações de manter o equilíbrio defensivo ou de recuperar defensivamente. Ou seja, o JR pode resultar num óptimo meio para desencadear nos jovens praticantes a necessidade de após um lançamento, irem ao ressalto disputar a bola.

Quadro 3. Número de finalizações efectuadas (nfe), número de finalizações concretizadas (nfc), perda de bola definitiva (pbd) e percentagem de acerto (%ac) em relação à origem e consequência do ataque de posição (AP) no jogo de formal (JF) e no jogo reduzido (JR).

Ataque de posição								
Origem	nfe		nfc		pbd		%ac	
	JF	JR	JF	JR	JF	JR	JF	JR
Ressalto ofensivo (RO)	29	60	4	18	11	10	13,8	30,0
Ressalto defensivo (RD)	-	52	-	14	-	30	-	26,9
Intercepções bola (IB)	14	77	0	31	6	23	0	40,3
Rep. bola l. lateral (RBL)	25	55	6	11	29	56	24,0	20,9
Rep. Bola l. final (RBF)	17	57	2	18	8	45	11,8	31,6
Total	85	301	12	92	54	164	9,92	29,94

Análise e comparação das estruturas tácticas ofensivas no jogo formal e no jogo reduzido

Em relação ao ataque de posição no jogo formal e no jogo reduzido

Na análise do AP, verificamos no Quadro-4 que no JR existe um número muito elevado de finalizações efectuadas (nfe = 339) e convertidas (nfc = 98), em contraste com o JF (nfe = 105 e nfc = 15). Ou seja, as jogadoras em situação de JR estão muito mais activas na procura de atingir o objectivo do jogo, i.e., de lançar ao cesto.

No que se refere às acções da táctica individual em situação de 1x1 no AP, verificamos que a percentagem de ocorrência de finalizações no JR e no JF, apresentam valores semelhantes (86,7% vs. 81%). No entanto, verificamos uma melhor percentagem de acerto no JR (26,4% vs. 14,5%).

Quadro 4. Número de finalizações efectuadas (nfe), número de finalizações convertidas (nfc), percentagem de acerto (%ac), percentagem de ocorrência (%oc), de acerto (%ac), o valor mais elevado das situações de finalização do ataque de posição (AP), em relação às acções encontrado foi na situação de 2x0 com 75%, individuais (ind.) e de grupo (gr), no jogo formal (JF) e no jogo reduzido (JR).

Ataque de posição	nfe		nfc		%ac		%oc	
	JF	JR	JF	JR	JF	JR	JF	JR
Acções ind. (1x1)	85	291	12	77	14,5	26,4	81	86,7
Acções gr. (2x2)	10	24	3	14	30	58,3	9,5	7,1
... (outras)	10	24	0	14	0	33,3	9,5	6,3
Total	105	339	15	98	14,3	29,2	100	100

Quanto à ocorrência das acções de grupo 2x2, verificamos que apesar de os valores encontrados serem significativamente inferiores às acções individuais de 1x1, quer no JR quer no JF, elas apresentam um valor mais elevado em relação à taxa de acerto (58,3% e 30%).

Do total das finalizações, verifica-se que o JR tem uma percentagem de acerto de 29,2% enquanto para o JF encontramos 14,3%.

Por outro lado, o desequilíbrio entre as acções tácticas individuais (86,7% no JR e 81%no JF) e as acções de grupo (7,1% no 62

JR e 9,5% no JF), parece enquadrar os comportamentos dos jogadores que se encontram no primeiro nível de desenvolvimento referenciado por Oliveira e Graça (1994). Assim, a utilização do JR em tais circunstâncias, estaria mesmo relacionada à consolidação das acções da táctica individual, no que diz respeito à ocupação racional do espaço.

Em relação ao contra-ataque no jogo formal

No quadro 5, podemos analisar os vários tipos de finalizações ocorridas no Contra-Ataque (CA) do Jogo Formal (JF).

Podemos constatar que são as finalizações em igualdade numérica (1x1) que apresentam uma maior taxa de ocorrência (36,9%), seguida das finalizações sem oposição (1x0 e 2x0 = 34,8%) e das finalizações em superioridade numérica (2x2, 3x1 e 3x2 = 28,3%).

Quando consideramos a percentagem

seguido da 2x1 com 46,7%. Em relação à relação de 1x1, verificamos que teve a pior %ac (11,8%) apesar de ter sido a situação que ocorreu mais vezes.

Por fim, destacamos a fraca ocorrência da situação de 3x2 (1,1%). Pensamos, que a presença de duas defensoras é inibidora para a finalização, considerando o insuficiente potencial técnico das jovens.

Quadro 5. Número de finalizações efectuadas (nfe), número de finalizações convertidas (fc), percentagem de acerto (%ac), percentagem de ocorrência relativa (%oc. rei.) em relação às situações de superioridade numérica do contra-ataque, do jogo formal (JF).

Contra-ataque						
(rel. atacantes/defensores)		nfe	nfc	%ac	% oc. rel.	
Igualdade numérica	(1x1)	34	4	11,8	36,9	36,9
	(2x1)	15	7	46,7	16,3	
Superioridade numérica	(3x2)	1	0	0,0	1,1	
	(3x1)	10	4	40,0	10,9	28,3
Sem oposição	(1x0)	24	7	29,25	26,1	
	(2x0)	8	6	75	8,7	34,8
Total		92	28	30,4	100,0	

A intervenção efectiva das jogadoras nas situações de finalização

No quadro 6 podemos analisar a participação das jogadoras em função do número de finalizações efectuadas quer no JR quer no JF. Assim, verificamos que todas elas, com excepção de uma só, efectuaram um maior número de finalizações no JR que no JF. Quanto aos lançamentos convertidos, verificamos que enquanto no JF 4 jogadoras não conseguiram converter um único cesto, em relação ao JR todas as jogadoras conseguiram converter com êxito. Pese embora, o maior nfe (336 vs. 197) e nfc (99 vs. 43) encontrados no JR, a percentagem de acerto (%ac) não apresenta diferenças estatisticamente significativas em relação ao JF (29,5% vs. 21,9%).

Assim, podemos considerar que o facto do JR possibilitar ter sucesso na finalização, também poderá ser considerado mais motivador e adequado para a aprendizagem do jogo numa primeira fase da sua abordagem, pois o objectivo do jogo, na sua fase de abordagem, é lançar ao cesto.

CONCLUSÃO

Apesar das possibilidades evidenciadas nas observações retiradas do Jogo Reduzido, o presente estudo é referenciado ao ensino dos JDC, tendo assim como finalidade a optimização das acções do jogador no Jogo Formal. Ao descrevermos e analisarmos de forma exaustiva tanto o JF como o JR, verificamos que há um conjunto de indicadores que tendem a perder o seu significado mediante a comparação entre as duas situações em análise. Con-

tudo, de acordo com a perspectiva apresentada seria contraditório deixar ao JR, em qualquer momento do ensino e formação nos JDC, a condição de meio exclusivo a ser utilizado. Na verdade, um dos aspectos do jogo que não foram analisados no jogo de 3x3 a meio campo, foi o problema da transposição defesa-ataque. Para a resolução deste problema, a possibilidade mais viável poderá passar, de acordo com Oliveira e Graça (1994), pela aplicação do Jogo Reduzido 3x3 em todo o campo.

Ainda a partir do Jogo Formal, verificamos alguns factores importantes que não foram (ou não podem ser) melhor desenvolvidos no Jogo Reduzido. Constatamos que tal necessidade é defendida por Musch & Martens (1991), na medida em que propõe para circunstâncias análogas, o encadeamento dos jogos reduzidos parciais e mesmo dos exercícios, à utilização do Jogo Reduzido.

De todo o modo, e de acordo com os resultados obtidos, podemos concluir que o Jogo Reduzido, possibilita uma maior participação do jogador, uma menor probabilidade para a ocorrência de atitudes passivas, uma elevada frequência de contactos com a bola e um maior sucesso na finalização das acções ofensivas. Assim, podemos considerar que no processo de ensino do basquetebol é defensável a constituição de unidades temáticas do ensino do jogo que tenham por referência o jogo reduzido.

Esperamos de alguma forma ter contribuído para o entendimento integrado dos aspectos e factores presentes no ensino dos JDC, conscientes que a pertinência na utilização dos JR aqui evidenciada, de modo algum significa

Quadro 6. Número de finalizações efectuadas (nfe), número de finalizações concretizadas (nfc) e percentagem de acerto (%ac) das jogadoras na situação de jogo formal (JF) e de jogo reduzido (JR).

Jogadoras	nfe		nfc		%ac	
	JF	JR	JF	JR	JF	JR
1	4	13	0	3	0	23,1
2	0	7	0	2	-	28,6
3	12	32	4	7	33,3	21,9
4	9	7	0	2	0	28,6
5	24	35	2	8	8,3	22,9
6	35	84	11	28	31,4	33,3
7	34	48	4	12	11,8	25
8	26	29	8	6	30,8	20,7
9	33	50	9	18	27,3	36
10	13	17	3	5	23,	29,4
11	5	10	2	4	40,0	40
12	2	4	0	2	0	50
Total	197	336	43	99	21,9	29,5

o esgotamento de suas possibilidades. Ao contrário, o estudo de caso aplicado, ilustrou apenas o momento de um grupo em início de formação no Basquetebol. A semelhança do proposto por Konzag (1991) e Graça (1995), pensamos que as formas das actividades desenvolvidas no referido processo, apesar de apresentarem níveis de complexidade diferente, não são estanques e auto-suficientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILA, G. L. Aproximación a una propuesta de aprendizaje de los elementos táctico individuales en los deportes de equipo, *Apunts: Educació Física i Esports* 24,59-68,1990.
- AGUILÀ, G. L. & BURGUÈS, R. L. *1015 Juegos Y formas jugadas de iniciación a los deportes de equipo. Vol. I e II.* Barcelona: Editorial Paido tribo, 1993.
- DUFOUR, W. Les techniques d'observation du comportement moteur. *Education Physique et Sport*, 217, 1989.
- GROSGEORGE, B. *Observation et entrainement en sports collectifs.* Paris: INSEP, 1990.
- GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A. e OLIVEIRA, J. (eds.). *O ensino dos jogos desportivos.* 11-25, Porto: CEJD - FCDEF, 1994.
- GRAÇA, A. Os cornos e os quando no ensino dos jogos. In: GRAÇA, A. e OLIVEIRA, J. (eds.). *O ensino dos jogos desportivos.* 27-34, Porto: CEJD - FCDEF, 1994.
- GREHAIGNE, J. F. & GUILLON, R. L'utilisation des Jeux d'opposition à l'école. *Revue de VEducation Physic*, 32 (2): 51-67, 1992.
- KONZAG, I. A formação técnico-táctica nos JDC. *Treino Desportivo*, II, 19: 27-37, 1991.
- MORENO, J. H. Metodologia de la observacion de la accion de juego en los deportes de equipo. In: III Congreso Galego da Educacion Fisica e do Deporte - Metodologia e didáctica de la actividade fisica. INEF da Galicia, 1988.
- MUSCH, E. & MERTENS, B. L'enseignement des sports collectifs: une coception elaborée à l'ISEP de l'Université de Gand. *Révue de VEducation Physique*, 31 (1), 7-20, 1991.
- OLIVEIRA, J. A estrutura do treino e a sua relação com a eficácia na competição. Estudo comparativo das estruturas ofensivas de 1x1 e 2x2 em iniciados masculinos de basquetebol. Provas de APCC, FCDEF-UP, 1993.
- OLIVEIRA, J. & GRAÇA, A. O ensino do basquetebol. In: GRAÇA, A. e OLIVEIRA, J. (eds.). *O ensino dos jogos desportivos.* 61-94, Porto: CEJD - FCDEF, 1994.
- PRUDEN, V. *A conceptual approach to basketball.* Champaign, Illinois: Leisure Press, 1987.
- TAVARES, F. O processamento da informação nos jogos desportivos. In: GRAÇA, A. e OLIVEIRA, J. (eds.). *O ensino dos jogos desportivos,* Porto: CEJD - FCDEF, 1994.
- TAVARES, E & FARIA, R. O comportamento estratégico - acerca da autonomia de decisão nos jogadores de desportos colectivos. In: BENTO, J. e MARQUES, A. (eds.). *A ciência do desporto, a cultura e o homem,* FCDEF-UP, 1993.

UNITERMOS

Ensino dos jogos desportivos; basquetebol; análise do jogo.

*^Fernando Tavares é professor associado na Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física - Universidade do Porto. **Antônio Veleirinho é Mestre em Ciências do Desporto.*